

## A Linha do Tempo como dispositivo de autoformação de professores/as

**Edith Maria Batista Ferreira<sup>i</sup>** 

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA, Brasil

**Joselma Ferreira Lima e Silva<sup>ii</sup>** 

Instituto Federal do Piauí, Piri-piri, PI, Brasil

**Joelma Reis Correia<sup>iii</sup>** 

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA, Brasil

1

### Resumo

O presente artigo se dispõe a analisar a Linha do Tempo como um dispositivo de autoformação potencializador de aprendizagens sobre si e o trabalho docente, utilizado em uma pesquisa de doutorado em educação, defendida em junho de 2021. Ancorou-se nos pressupostos metodológicos da Pesquisa-formação (JOSSO, 2010), veio das Histórias de Vida. Fundado no movimento tripolar de auto, hetero e ecoformação (PINEAU, 2010), o dispositivo evocou sentidos e a fertilidade das experiências vividas, considerando as relações estabelecidas entre sujeitos, espaços, tempos e contextos que promoveram aprendizagens sobre a docência. Concluiu-se que a Linha do Tempo revelou-se importante instrumento de reflexão ao provocar a observação de si, o exercício do distanciamento e a atenção consciente às recordações-referências (JOSSO, 2010), produzindo efeitos formativos em si.

**Palavras-chave:** Linha do Tempo. Autoformação. Aprendizagem. Docência. Pesquisa-formação.

### The timeline as a device of self learning of teachers

#### Abstract

The showing article provides an analysis of the timeline as a device of self learning and learning improvement about itself and the teaching work, used in a doctoral research in education defended in June 2021. Anchored on methodological pre-supposed concepts in self learning (JOSSO, 2010), coming from life histories. Founded in the tripolar movement of self, hetero and eco learning (PINEAU, 2010), the device evoked senses and the fertility from lived experiences, considering established relationships between individuals, spaces, times and contexts which promoted learnings about teaching. Concluding that the timeline reveals itself as an important reflection instrument by provoking a self-observation, the exercise of distance and the conscious attention to memory references (JOSSO, 2010), producing formative effects in itself.

**Keywords:** Self learning. Timeline. Learning. Teaching. Training Research.

## 1 Introdução

A crescente demanda por melhoria da qualidade de ensino e a necessidade de profissionais cada vez mais qualificados têm colocado a formação de professores/a nas agendas das políticas públicas, nas quais disputam projetos educativos.

2 O atual projeto de formação do governo federal, regulamentado pela Resolução CNE/CP n. 2/2019, que instituiu novas Diretrizes Curriculares para a Formação Inicial e a BNC- Formação Inicial de Professores da Educação Básica, e a Resolução CNE/CP Nº 1, DE 27 de outubro de 2020, que dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica e estabeleceu a BNC-Formação Continuada, tem anunciado, nestes atos normativos, o desmonte da formação docente pautado na padronização curricular; dicotomização formação inicial e continuada; fabricação de identidades docentes, decorrente da prescrição de modos de ser e do fazer pedagógico; no esvaziamento de aspectos críticos, além do controle do trabalho docente e da cultura da performatividade centrada na gestão dos resultados (HOBOLD, FARIAS *et al.*, 2021).

Nesse sentido, processos formativos, que retiram a subjetividade docente do centro da formação, expropriando o saber criativo vinculado ao campo da arte, da estética e ética, vão se modelizando. Contudo, em sentido oposto, ações de resistência são gestadas, denunciando a formação (frágil, acelerada, prescritiva, formatada e pragmatista, ofertada para um/a professor/a desintelectualizado/a, tarefeiro/a, performático/a e acrítico/a) que vem se instituindo, e anunciando outras perspectivas que considerem a singularidade do/a professor/a, a complexidade do ato de ensinar e a diversidade dos contextos de trabalho.

Por este ângulo, a formação se transforma quanto a seus fundamentos, objetivos, conteúdos, estrutura, avançando de uma perspectiva simplificadora e reducionista, para uma concepção humanizadora e emancipadora.

É nesse contexto que se situa a autoformação, inserida em uma perspectiva crítica de formação do/a adulto/a professor/a. Esta evidencia sua força epistemopolítica de criação de *espaçostempos* de re-existência, ao reconhecer a autoria, a autonomia e a emancipação dos sujeitos como horizonte em que se quer

chegar. Assim, a autoformação, compreendida como experiência da ontologia do Ser, não pode ser relacionada a autodidatismo, ação individual. Ela é um processo laborioso de dar sentido à existencialidade, de alcançar o enriquecimento científico, a formação cultural mais ampla, impossível sem a experiência com o conhecimento, com o outro e com o meio (FERREIRA, 2021).

3 Consubstanciada nesses princípios, a Linha do Tempo constituiu-se um dispositivo de autoformação docente. É uma narrativa de formação do indivíduo, por meio da qual se faz uma reflexão antropológica (no sentido de evidenciar características do ser humano, independente do contexto cultural e sócio-histórico), ontológica (quem sou eu?) e axiológica (torna evidente valores e eixos que estruturam e orientam nossa existência), conforme evidencia Josso (2010).

Neste artigo, propomo-nos a analisar a Linha do Tempo como um dispositivo de autoformação potencializador de aprendizagens sobre si e o trabalho docente, utilizado em uma pesquisa de doutorado em educação, realizada em uma escola pública municipal dos anos iniciais do Ensino Fundamental, durante os anos de 2018 a 2020, na cidade de São Luís-MA.

A referida investigação ancorou-se nos pressupostos metodológicos da Pesquisa-formação (JOSSO, 2010), um veio das Histórias de Vida. Fundamentou-se em uma perspectiva de ciência/pesquisa que rompe com a rigidez da separação dos lugares entre pesquisador/a e pesquisado/a e das atribuições daquele/a que investiga, reconhecido/a como produtor/a de conhecimento científico, e daquele/a que participa, sujeito investigado, visto/a como fornecedor/a de dados de que o pesquisador/a necessita para sustentar sua tese. Neste movimento, procura-se evidenciar a dimensão formadora da pesquisa, alterando substancialmente esses papéis.

## 2 Metodologia

A pesquisa desenvolvida foi de natureza qualitativa com orientação sócio-histórica (FREITAS, 2002; 2007), amparada no paradigma crítico, que se

fundamenta em uma ontologia crítico-realista, com metodologia dialógico-transformadora (GUBA; LINCOLN, 2002).

Por tratar-se de um estudo da vida social humana, a formação de professores/as em perspectiva de autoformação, subjetividades, emoções e valores assumiram lugar de importância na pesquisa.

Para tanto, o percurso metodológico amparou-se na pesquisa-formação, “uma experiência a ser elaborada para que, quem nela estiver empenhado, possa participar de uma reflexão teórica sobre a formação e os processos por meio dos quais ela se dá a conhecer” (JOSSO, 2010, p. 113).

De natureza processual, a investigação aponta a necessidade de uma implicação dos sujeitos no processo em desenvolvimento. Constituíram-se, portanto, sujeitos da pesquisa, seis professores/as dos anos iniciais do Ensino Fundamental, a equipe gestora da escola e as seis pesquisadoras do Observatório das Práticas de Leitura e Escrita, projeto de pesquisa vinculado ao Grupo de Estudo e Pesquisa “O ensino da linguagem escrita em perspectiva dialógica”, pertencente ao Departamento de Educação I, de uma universidade pública federal, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA).

A Linha do Tempo configurou-se um dispositivo de pesquisa-formação, gerando dados que compuseram o *corpus* de análise, cuja materialidade se deu por meio das narrativas de formação (CHIENÉ, 2010). O tratamento desses dados foi feito com base nos pressupostos da Análise Dialógica Discursiva (SOBRAL, 2005; SOBRAL; GIACOMELLI, 2016; 2018), sendo organizados em núcleos de significação (AGUIAR, OZELLA, 2013), recolhidos dos indícios (GINSBURG, 2007) dos enunciados.

Tal dispositivo integrou o momento inicial da pesquisa, quando a chegada ao campo exigiu conhecer melhor os/as professores/as, a gestora e o suporte pedagógico; suas trajetórias de formação; identificar “acontecimentos” importantes que deixaram marcas significativas na sua vida pessoal e profissional e reconhecer saberes aprendidos e como eles refletiam na maneira de ensinar a linguagem escrita. Nos Encontros Dialógicos de Autoformação, que aconteciam mensalmente

aos sábados, com duração de quatro horas, os sujeitos responsivos foram mobilizados/as a produzir uma narrativa de formação materializada na Linha do Tempo.

O início se deu com a mediação literária do livro “Ponto a ponto”, de Ana Maria Machado (2006). Viver a experiência estético-literária, por meio da fruição e da contemplação do texto literário, evoca a função humanizadora da literatura (CANDIDO, 2012), provocando movimentos de confrontação, de alteração, ampliando possibilidades de compreensão do mundo e de enxergamentos singulares sobre si mesmo e o outro, com/pelo outro.

Ao trazer a experiência estética com a literatura para a formação de professores/as, em sua função humanizadora, distanciamos-nos da perspectiva instrumentalizadora e utilitarista de uso da literatura, muito presente nas escolas, nas quais o texto literário é utilizado para o ensino de determinado conteúdo expresso no currículo, sob a justificativa de que se está trabalhando com gêneros textuais (FERREIRA; CORREIA, 2020). Reafirmamos nossa luta por uma formação como experiência que acontece no/com o sujeito.

Após a proferição do texto, lãs, fitas, retalhos, cola e outros materiais foram disponibilizados para que a Linha do Tempo fosse construída em papel A3, capturando as vozes e tecendo, ponto a ponto, as histórias de formação. Algumas perguntas ajudaram nessa produção: Como você se transformou no/a professor/a que é hoje? O que aconteceu de formativo ao longo de sua vida (eventos, situações, encontros, lugares, pessoas...)? Quais saberes a vida lhes ensinou? Como eles refletem no seu modo de ensinar a ler e escrever?

Esse dispositivo permitiu tematizar a vida no percurso do tempo, na dialética entre memória do passado, as experiências do presente e os projetos de futuro, em um sentido de balanço, visto que é um momento privilegiado de avaliação individual, por meio da qual o sujeito traz para a superfície da memória os acontecimentos que, de alguma forma, determinaram aquilo que se é naquele momento.

Assim, depois de produzir as Linhas do Tempo, cada sujeito responsivo narrou sua história de vida e de formação. Nesse caminhar, foram revelando os *momentos-charneiras* que se constituíram *experiência de formação*, que, segundo

Josso (2010, p. 48) “implica uma articulação conscientemente elaborada entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideação.”

O compartilhamento de compreensões e a análise de experiências formativas foram fundamentais para manter vivo o diálogo, a aprendizagem coletiva e a criação/transformação de um projeto individual e coletivo de autoformação. Nesse momento, as racionalidades, ou seja, o “modo como cada sujeito [...] articula seus saberes e conhecimentos para a compreensão de um fenômeno, do mundo, da vida ou para justificar o seu modo de agir, seus objetivos e meios para alcançá-los” (TERRIEN, 2010, p.314), construídas ao longo dos percursos de vida e formação, eram reveladas, anunciando crenças, desvelando maneiras de atuar, posturas e sentimentos em relação ao ensino da linguagem escrita, suscitando a produção de novos sentidos para o *ser-fazer* docente.

A reconstrução do itinerário formativo revelou pistas sobre marcas da identidade docente, os saberes sobre/da docência construídos ao longo da vida e da formação e as lacunas deixadas nesse processo, subsidiando a elaboração do Plano de Formação para a continuidade da aprendizagem. Desse modo, fugimos aos programas de formação de professores preestabelecidos, pelas instituições formadoras ou secretarias de educação que, muitas vezes, desconsideram as necessidades e dificuldades dos/as professores/as em processo de formação (SOARES, 2020).

Para chegar a estes elementos procedemos à análise das narrativas produzidas, empreendendo o seguinte movimento: 1– ver o acontecimento formativo; 2– pôr-se à escuta de si e do outro deixando-se interpelar, distanciando-se; 3– Reflexão e metamorfose (LARROSA, 2006), no qual o olhar esteve voltado para apreender os acontecimentos e as transformações que promoveram nos sujeitos. Desse modo, foram reafirmando a compreensão de que “o que se é não é dado, é criação, transfiguração” (LARROSA, 2006, p. 78).

### 3 Resultados e Discussões

A construção da Linha do Tempo não está preocupada em apresentar uma “taxionomia das experiências formadoras” (JOSSO, 2010, p. 164), por isso funcionou como um catalizador de memórias tecidas em temporalidades diversas (PINEAU, 2003), que, ao serem organizadas reflexivamente em nova trama, fizeram emergir novos sentidos (ontológicos, epistemológicos, políticos e pedagógicos), instituindo novas formas de ser e estar no projeto de formação, na escola, no mundo. Abriu espaços para que acontecimentos saíssem do lugar de sombra, que vozes silenciadas fossem ouvidas, que histórias fossem reveladas.

Acentuou ainda o que disse o Patrono da Educação Brasileira (FREIRE, 1991, p.58): “Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador [...] a gente se forma, como educador, permanentemente”.

Nesse sentido, a formação é vista como processo que se dá ao longo da vida de um sujeito situado, mobilizando uma pluralidade de dimensões copresentes em quem aprende e no mundo. Em vista disso, a temporalidade atravessa-nos, exigindo reflexividade crítica para se fazer uma retomada da trajetória de vida e tomar consciência de suas aprendizagens e não aprendizagens, favorecendo implicar-se no presente e projetar o futuro.

#### 4 Considerações finais

O presente artigo trouxe como problema de análise a Linha do Tempo como dispositivo de autoformação. A construção deste dispositivo revelou que o tempo formativo não é linear e cumulativo, implica rememoração temporal e contínua, trazendo a totalidade e a reminiscência do devir no ponto de vista narrado. Sua elaboração acentua as linhas das experiências que permitem espreitar tramas, concepções, eventos, aprendizagens que apontam percursos de formação para a docência.

A relevância das narrativas das trajetórias de vida e de profissão no campo da formação de professores/as se anuncia devido à possibilidade de (re)encontro do ser consigo mesmo, com o outro e com o mundo; da reflexão e ressignificação das

práticas docentes (BRAGANÇA, 2008); do agir rebeldemente contra os processos de formação da atual política nacional que impulsionam o isolamento, o silenciamento das vozes e das pulsações dos/as educadores/as em decorrência do tempo veloz e fugaz, o praticismo exacerbado, o encarceramento curricular, a cultura da performatividade, a fabricação das identidades docentes.

Nesse sentido, há que se investir na formação não apenas centrada na aquisição de novos conhecimentos teórico-práticos, mas naquelas em que a formação estética do/a professor/a assume lugar de importância, recuperando o espaço em que processos, experiências e repertórios têm lugar no alargamento da sensibilidade, ampliando possibilidades de interpretação e atuação no mundo.

A luta segue contra os projetos de formação exoterodeterminados, com foco na prescrição, na disciplinarização do conhecimento, no apagamento do sujeito, cujo desejos/necessidades de quem se forma tem pouca importância, valorizando de forma radical a racionalização técnica dos processos formativos.

Para contrapor-se a esses modelos formativos, somos partidárias dos processos que se comprometem com a educação das sensibilidades, constituindo-se via de acesso à cultura, à arte, à natureza, produzindo afetamentos que alteram as maneiras de perceber e significar, de modo inteligível e sensível, o vivido e que está por vir, dos quais as histórias de vida constituem-se terreno fértil para experimentos didático-pedagógicos.

## Referências

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbeped/v94n236/15.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2019.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Histórias de vida e formação de professores/as: um olhar dirigido à literatura educacional. *In*: SOUSA, Elizeu Clementino de; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs.). **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

BRASIL. Resolução CNE/CP 02/2019, de 20 de dezembro de 2019. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a

Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 de fevereiro de 2020.

BRASIL. Resolução CNE/CP 01/2020, de 27 de outubro de 2020. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica (BNC-Formação Continuada). **Diário Oficial da União**, Brasília, 20 de dezembro de 2020.

9

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: LIMA, Aldo (Org.). **O direito à literatura**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012, p. 17-40. Disponível em: <https://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2011/10/candido-antonio-o-direito-c3a0-literatura-in-vc3a1rios-escritos.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

CHIENÉ, Adéle. A narrativa de formação e a formação de formadores. *In*: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. São Paulo: Paulus, 2010, p. 129-142.

FERREIRA, Edith Maria Batista. **Autoformação, aprendizagem de professores e ensino da linguagem escrita: entrelaçamentos na pesquisa-formação**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021.

FERREIRA, Edith Maria Batista; CORREIA, Joelma Reis. Pelas mãos da literatura: a experiência estético-literária e a criação de encontros dialógicos na formação de professores. *In*: MORAES, Ana Cristina de; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura; RODRIGUES, Cicera Sineide Dantas (Orgs.). **Arte, docência e práticas educativas: experiências e contextos**. Fortaleza: EDUECE, 2020, p. 493-508.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, julho/ 2002. *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, p. 21-39, julho/ 2002. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742002000200002](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000200002). Acesso em 10 jan. 2020.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. *In*: FREITAS, Maria Teresa; SOUSA, Solange Jobim e; KRAMER, Sônia. **Ciências Humanas e Pesquisa**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2007, p. 26-38.

FREIRE, Paulo. **A Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUBA, E; LINCOLN, Y. Paradigmas en competencia en la investigación cualitativa. In: DENMAN, C.; HARO, J. A. (Comps.). **Por los rincones**: Antología de métodos cualitativos en la investigación social. Hermosillo: El colegio de Sonora, 2002, p.113-145.

HOBOLD, Márcia de Souza; FARIA, Isabel Maria Sabino de (orgs.). Dossiê formação de professores: projetos em disputa. **Revista Práxis Educacional**, v.17, n.46, jul./set. 2021.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. Trad. José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Paulus, 2010.

LARROSA, Jorge. Como se chega a ser o que se é. In: LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MACHADO, Ana Maria. **Ponto a Ponto**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2006.

SOARES, Maria Perpétua do Socorro Beserra. Formação permanente de professores: um estudo inspirado em Paulo Freire com docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Educação & Formação**, Fortaleza, v.5, n.13, p.151-171, jan./abr. 2020.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: NÓVOA, Antonio; FINGER, Matthias (org.). **O Método (auto)biográfico e a formação**. São Paulo/Natal: Paulus/EDUFRN, 2010, p. 97-118.

PINEAU, Gaston. **Temporalidades na formação: rumo a novos sincronizadores**. São Paulo: TRIOM, 2003.

SOBRAL, A. U. **Elementos sobre a formação de gêneros discursivos: a fase “parasitária” de uma vertente do gênero de auto-ajuda**. 2005. 325 f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2005. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13715>. Acesso em: 26 nov. 2019.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Das significações na língua ao sentido na linguagem: parâmetros para uma análise dialógica. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 18, n. 2, p. 307-322, maio/ago. 2018. Disponível em: [http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/6515](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/6515). Acesso em: 18 de fevereiro 2019.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. **Domínios de Lingu@gem**, v. 10, n. 3, p. 1076-1094, 2016. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/33006>. Acessos em: 28 fev 2020.

THERRIEN, Jacques. Da epistemologia da prática à gestão dos saberes no trabalho docente: convergências e tensões nas pesquisas. *In*: DALBEN, A.; DINIZ, J.; SANTOS, L. (Org). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. XV ENDIPE. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p.307-323.

<sup>i</sup> **Edith Maria Batista Ferreira**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7816-8776>

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA, Brasil

Doutora em Educação – Universidade Estadual do Ceará. Mestre em Educação e Graduada em Pedagogia (UFMA). Professora Adjunta do Curso de Pedagogia (UFMA). Vice-Líder do Grupo de Pesquisa "O Ensino da Leitura e Escrita como Processos Dialógicos (GLEPDIAL).

Contribuição de autoria: realizou a pesquisa empírica.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9053574848914591>

E-mail: [edith.maria@ufma.br](mailto:edith.maria@ufma.br)

<sup>ii</sup> **Joselma Ferreira Lima e Silva**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5044-5142>

Instituto Federal do Piauí, Piripiri, PI, Brasil

Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri, Ceará. É professora DE do Instituto Federal do Piauí (IFPI) *campus* Piripiri.

Contribuição de autoria: participou do processo de sistematização da experiência vivida.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5605623932442911>

E-mail: [joselmalavor@ifpi.edu.br](mailto:joselmalavor@ifpi.edu.br)

<sup>iii</sup> **Joelma Reis Correia**, ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7018-142>

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA, Brasil

Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Graduada em Pedagogia (UFMA). Professora Associada do Curso de Pedagogia - UFMA. Líder do Grupo de Pesquisa "O Ensino da Leitura e Escrita como Processos Dialógicos (GLEPDIAL).

Contribuição de autoria: participou da pesquisa-formação, assumindo a mediação dos Encontros Dialógicos de Autoformação, juntamente com a primeira autora.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5031852893254269>

E-mail: [jr.correia@ufma.br](mailto:jr.correia@ufma.br)

**Editora responsável:** Karla Colares Vasconcelos

### Como citar este artigo (ABNT):

FERREIRA, Edith Maria Batista; SILVA, Joselma Ferreira Lima e; CORREIA, Joelma Reis. A Linha do Tempo como dispositivo de autoformação de professores/as. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-11, 2021.